

DOIS CANTOS DE MALDIÇÃO E MEMÓRIA

Isadora Machado¹

[moscas vestem o ventre]

Quis o tempo que restava na pedra – criei o desterro
da fera que sangrou o Moinho. Luz feita por entretantos
da ida, será comestível

ao pássaro
toda gente
que sondar o destino.

Febre feita chaga foi esse seu
modo de abrir *los caminos*

¿Qual demônio será possuído pela força que meu ventre obriga?

[sonido]

Lanço-me ao mar febril e indago a este contato
o que nele seria doente. No vazio criado entre
pessoa-pele e eu-estive-mar, abdicó

do rio
do ébrio
das coisas

¹ Doutora em Linguística pela Unicamp. Professora Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas, na Universidade Federal da Bahia.

Prendo-me ao vento que solfeja teu canto pesaroso.

Canso-me. Canso-me da castidade das gentes, que

sim

são pessoas guardadas

pela sofreguidão das janelas

que também são cinemas

Para pensar no sangue, escuto o ronco oco das manhãs

Véu para a noite que a escuridão sufoca

¡Pirata! ¡Diablo Mouro! ¡Viejito!

Devolvi à terra oito crianças

e mais nenhum sacrilégio te fará *volver*

Nem a vingança que é um caminho,

pois esquinas só os em-fuga abrigam

Derramo meu canto na cruz das ruas

E te peço de volta. Mas não, nada.

Deitarei aos pés do cajazeiro.

Ah, *Velho Tesen*, teço daqui e me rio de ti e de mim!

Habitada pelas heras donde me deito

Avisto las mujeres-pájaros.

- Hechiceras de la palabra,

estoy embrujada por él y
no sé qué hacer. Te pido
que ¡escuchen las zarabandas!

Elas estavam reinando soberanas na copa
disseram pra dizer quando passassem
que nunca na meia-noite alguém estivesse
desprotegido por ele que nelas reina soberano olho
e rezasse oito vezes a reza e cantasse e dançasse
e sem medo voasse: afoguei a palavra em lágrima
pedaço do mar que me cabe derramar no rio
E assim me enamorei daquelas pedras
que corriam cascatas no banho das meninas virgens

Eu versejei a pedra
Meu grande pássaro desabitado.